

# ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES NO PORTUGUÊS ESCRITO NO BRASIL: AS ORAÇÕES CONDICIONAIS\*

*Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale\*\**

## RESUMO

**E**ste trabalho trata das construções condicionais do português escrito contemporâneo do Brasil, à luz da teoria da Gramática Funcional. Propõe-se, neste trabalho, um estudo das construções condicionais em que se considera o nível discursivo em que as frases são efetivamente realizadas, levando em conta os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos. Com a análise de ocorrências de construções condicionais em três diferentes tipos de textos (dramático, técnico e de oratória), sob o ponto de vista do uso efetivo, espera-se obter uma caracterização dos tipos de textos contemplados. Além disso, esta análise pretende possibilitar, ainda, uma descrição mais integrada das construções condicionais, que pode evidenciar, também, a relação entre linguagem e suas funções.

**Palavras-chave:** Condicionais; Articulação de orações; Funcionalismo.

**P**ode-se afirmar que os estudos de caráter tradicional realizados sobre a articulação de orações restringem-se a uma apresentação de classificações sintáticas ou semânticas, sem atenção para a inter-relação entre os diferentes tipos de orações. Além disso, tratam a articulação das orações nos limites da frase, isolada de seu contexto situacional, desprezando, assim, o seu papel na coesão e na organização discursiva.

---

\* Este trabalho é parte da dissertação de mestrado intitulada *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*, defendida em 1999 na Unesp – Araraquara, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Helena de Moura Neves. Agradeço a Marize Mattos Dall’Aglio Hattner pela leitura deste artigo. Quaisquer erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

\*\* Universidade Federal de Goiás.

Neste trabalho, propõe-se um estudo das construções condicionais que, fundamentado no modelo funcionalista, nos termos de Dik (1989, 1997), Halliday (1985), Mathiessen & Thompson (1988), entre outros, considera o nível discursivo em que as frases são efetivamente realizadas e leva em conta os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos envolvidos.

São analisadas orações condicionais do português escrito do Brasil, em textos de literatura dramática, técnica e de oratória, coletadas no *Corpus* Principal do Centro de Estudos Lexicográficos, da Unesp – *Campus* de Araraquara –, com o objetivo geral de obter uma caracterização dos tipos de textos contemplados. Procura-se, ainda, analisar as ocorrências das construções condicionais em relação a alguns aspectos interligados, e que as caracterizam, tais como a **ordem frasal** preferida, os diferentes **graus de hipoteticidade** das orações condicionais, as **correlações modo-temporais** utilizadas e as **funções discursivas** exercidas pelas condicionais.

Espera-se, assim, alcançar uma descrição mais integrada das construções condicionais, que pode evidenciar, também, a relação entre a linguagem e suas funções, mediante a descrição da língua em uso.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A gramática funcional

Apesar de não ser tarefa fácil a caracterização do Funcionalismo, pode-se invocar para tanto Martinet (1978), que vê que o funcionalista parte da observação dos dados, considerando que, de algum modo, a estrutura é imanente aos fatos. Hoyos Andrade (1992) destaca o princípio martinetiano da “pertinência comunicativa”: o objeto de análise é “a língua real de falantes reais em situações reais” (Hoyos Andrade, 1992, p. 34). É essa a característica básica do tratamento funcionalista: tentar verificar como se obtém a comunicação com a língua, ou seja, como os falantes usam a língua para se comunicar de modo eficiente. A própria estrutura interna da linguagem é tratada funcionalmente, isto é, analisa-se a estrutura gramatical incluída em uma situação comunicativa, que envolve o objetivo do evento da fala, seus participantes e o contexto discursivo. Além disso, todas as correntes funcionalistas consideram que os componentes da gramática devem ser estudados integradamente. Segundo Neves (1997),

*A gramática funcional constitui uma teoria de componentes integrados, uma teoria funcional da sintaxe e da semântica, a qual, entretanto, só pode ter um desenvolvimento satisfatório dentro de uma teoria pragmática, isto é, dentro de uma teoria da interação verbal.* (Neves, 1997c, p. 25)

## A articulação de orações

Nas gramáticas tradicionais, a articulação das orações é sempre vista de maneira dicotômica: há, por um lado, os casos de coordenação (ou parataxe), e, por outro, os casos de subordinação (ou hipotaxe). As orações subordinadas e as coordenadas são tratadas isoladamente e fora de um contexto. As chamadas orações subordinadas adverbiais são classificadas de acordo com a circunstância que exprimem e as orações condicionais, por expressarem uma condição, estão aí incluídas. Já os estudos norteados pelo paradigma funcionalista propõem uma revisão desta classificação, como se pode ver, principalmente, em Halliday (1985) e Mathiessen & Thompson (1988).

Considera-se, neste trabalho, nos termos de Halliday (1985), que as orações condicionais são um tipo de expansão hipotática de realce (uma oração que realça o significado de outra, qualificando-a com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa ou condição). Seguindo Mathiessen & Thompson (1988), as construções condicionais são vistas como uma combinação de orações hipotáticas de realce que codificam as relações retóricas de núcleo-satélite.

É a partir destes pressupostos, portanto, que se pretende proceder a um tratamento sintático-semântico-pragmático da hipotaxe de realce condicional no português escrito do Brasil.

## APRESENTAÇÃO DOS DADOS

São objeto de estudo neste trabalho, quanto ao componente formal, as construções condicionais caracterizadas pelas expressões *se p, (então) q* ou *q, se p* em que *p* é chamado de prótase e *q*, de apódose. Assim, neste trabalho são contempladas apenas as orações marcadas pelo *se*, conjunção condicional por excelência.

O *corpus* constitui-se de 36 arquivos, 12 arquivos de cada um dos tipos de literatura, Dramática, Técnica<sup>1</sup> e Oratória (cada um deles com um total aproximado de 35 *kbytes*), selecionados no *Corpus* Principal (CP) do Centro de Estudos Lexicográficos.

Há, no *corpus* usado neste trabalho, 346 ocorrências de orações condicionais que são analisadas a partir de diferentes aspectos teóricos, tais como a ordem na construção condicional, as correlações modo-temporais, entre outros. Primeiramente, estes aspectos são brevemente discutidos, correlacionando-os às ocorrências de condicionais encontradas no *corpus*. Em seguida, procede-se ao tratamento desses

---

<sup>1</sup> Deve-se ressaltar que, em análise posterior dos textos inseridos na Literatura Técnica, verificou-se que, ao lado de textos puramente técnicos, há também textos de cunho técnico-didático, o que pode, de certa forma, marcar a análise dos dados. Apesar disso, acredita-se que se possa chegar a uma caracterização desse tipo de Literatura, uma vez que se considerara, na análise, esse “composto” textual, que caracteriza os textos da amostra examinada.

aspectos sob o ponto de vista textual, na tentativa de se estabelecer diferenças e/ou semelhanças entre os gêneros literários contemplados.

## ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS NO *CORPUS*

### Tipos de orações condicionais: grau de hipoteticidade

Uma das classificações mais comuns em relação às condicionais diz respeito ao grau de hipoteticidade da verdade das proposições inter-relacionadas. Considera-se, tradicionalmente, que as condicionais podem ser factuais, eventuais ou contrafactuais. Entretanto, assume-se com Comrie (1986) que o grau de hipoteticidade das orações condicionais forma um contínuo e que as diferentes línguas simplesmente distinguem diferentes graus de hipoteticidade ao longo desse contínuo, de modo que a escolha de uma forma é determinada mais por uma avaliação subjetiva do que pela própria semântica da condicionais.

Hipoteticidade, nos termos de Comrie (1986), é o grau de probabilidade de realização das situações referidas na condicional, e, especialmente, na prótase. Usa-se a convenção de que maior hipoteticidade significa menor probabilidade, e menor hipoteticidade significa maior probabilidade. Desse modo, uma sentença factual representaria o menor grau de hipoteticidade, enquanto uma contrafactual representaria o mais alto grau.

Neste trabalho as condicionais são classificadas segundo seu grau de hipoteticidade, observando-se, principalmente, as correlações modo-temporais atualizadas por meio delas.

Comrie (1986) afirma que as condicionais do inglês com alto grau de hipoteticidade, ou seja, aquelas que têm menor probabilidade de ocorrência, são codificadas por correlações modo-temporais com referência não-futura. Seriam os casos das condicionais contrafactuais. Já as condicionais com baixo grau de hipoteticidade, e maior probabilidade de ocorrência, são atualizadas por meio de correlações modo-temporais que remetem ao futuro. Esse seria o caso das condicionais factuais. As condicionais eventuais estariam, então, entre esses dois pólos, e poderiam ser codificadas tanto por meio de correlações com referência futura, como por meio de correlações com referência não-futura. Entretanto, o autor afirma que a interpretação das condicionais depende muito mais da avaliação que o emissor faz do contexto em que a informação é veiculada do que de características internas a cada um dos tipos de condicionais, como, por exemplo, a correlação modo-temporal empregada.

Os tipos de condicionais mais freqüentes no português escrito do Brasil são as condicionais eventuais, seguidas pelas factuais e pelas contrafactuais, como se observa no Quadro 1:

### Quadro 1

#### Tipos de oração condicional

Tipo de condicional			
Eventual	Factual	Contrafactual	Total
224/64,7%	93/26,8%	29/8,3%	346

No que diz respeito às correlações modo-temporais usadas nos diferentes tipos de condicionais, verifica-se que elas são muito mais ricas e amplas que aquelas apresentadas, por exemplo, por Said Ali (1964).

A proposta de Comrie (1986) pode ser confirmada nas condicionais contrafactuais e nas eventuais. Nas eventuais, as correlações com referência futura são tão frequentes quanto as de referência não-futura. As ocorrências abaixo mostram duas das correlações modo-temporais mais usadas nas condicionais eventuais:

- (1) Lucília: Se não **andar** depressa, você **perde** a jardineira  
 Joaquim: Só sabe beber e apodrecer nesta cama.  
 Helena: Não diga isto, Quim. Ele é moço, é assim mesmo. (MO/LD)  
 futuro do subjuntivo + presente do indicativo
- (2) Se assim **fizermos**, como critério para pesar-lhe o valor, o resultado **será** negativo. (MH/LT) – futuro do subjuntivo + futuro do presente

Nas contrafactuais, as condicionais têm, obrigatoriamente, referência temporal não-futura, conforme as ocorrências seguintes podem mostrar:

- (3) Marcelo: Preciso pegar a jardineira para chegar no frigorífico.  
 Lucília: Se você **deitasse** mais cedo e não **gostasse** tanto do ar fresco da noite, **sobraria** mais dinheiro. (MO/LD) – imperfeito subjuntivo + futuro pretérito
- (4) Rubem: Eu não posso. Tentei, Olga, tentei... Se eu **juntasse** todas as folhas que eu já amassei, eu **teria escrito** uma obra de 30 volumes... (F/LD) – imperfeito subjuntivo + futuro pretérito composto

Quando se trata das factuais, percebe-se que a hipótese de Comrie (1986) não se confirma. Há, nesses casos, muitas condicionais que não remetem ao futuro e que são codificadas por meio da correlação de presente do indicativo com presente do indicativo. É possível dizer que, entre tais condicionais, há aquelas que realmente fazem referência ao futuro, apesar do uso do tempo presente. Para esses casos, Comrie (1986) afirma que é necessário que a referência temporal da prótase preceda a da apódose; do contrário, segundo Comrie (1986), usa-se, em português o futuro do indicativo composto ou o futuro do subjuntivo, e em inglês, o futuro do indicativo. O uso das correlações modo-temporais mais frequentes nas condicionais factuais pode ser observado nas ocorrências seguintes:

- (5) Olga: É menos folheado. Gosto de coisas novas.  
 Rubem: Eu sei. Música nova. Blusa nova.  
 Olga: Se a gente não se **renova**, Clodoal, a gente **está** morta. (F/LD)  
 presente indicativo + presente indicativo – (sem referência temporal futura)
- (6) Mãe: Se eles **vão ver** minha filha, eu **vou vê-los ver** a minha filha. (CCI/LD)  
 presente indicativo + presente indicativo – com referência temporal futura

Apesar dessa pequena discrepância entre o proposto por Comrie (1986), para o inglês, e o que foi encontrado no *corpus*, acredita-se que as condicionais factuais contempladas seguem a sugestão de Comrie (1986), de que as condicionais com baixo grau de hipoteticidade são atualizadas por meio de correlações modo-temporais com referência futura, uma vez que muitas delas realmente apresentam a referência temporal futura.

Acredita-se que o fato mais importante nessa análise dos tempos e modos verbais codificados nos diferentes tipos de condicional seja a comprovação de que as correlações modo-temporais passíveis de uso são muito mais ricas que aquelas apresentadas pelos estudos de cunho tradicional. Como sugere López García (1994), não se trata de uma classificação estanque. De um modo geral, pode-se dizer que os diferentes tipos de condicional atualizam todas as correlações modo-temporais. Por outro lado, pode-se chegar muito mais próximo do contínuo proposto por Comrie (1986), do que das divisões rígidas dos esquemas tradicionais, o que se verá mais claramente quando da análise dos tipos textuais.

### Correlações modo-temporais

Como se ressalta na seção precedente, a tradição gramatical costuma elencar as correlações modo-temporais usadas na veiculação do valor condicional, propondo um esquema rígido e fechado. Entretanto, neste trabalho foram encontradas quarenta e três diferentes correlações modo-temporais. É o que também ocorre em Ferreira (1997), em trabalho sobre a variação da ordem nas construções condicionais, na língua falada e na língua escrita. Em seu trabalho, a autora encontrou 31 tipos de correlações modo-temporais. Como López García (1994), Ferreira (1997) verifica que o condicionante de uma construção condicional expressa uma suposição, e o condicionado, uma crença que se apóia naquela suposição, tornando possível, portanto, as diferentes correlações modo-temporais.

No *corpus* deste trabalho, a correlação mais recorrente é atualizada pelo presente do indicativo, tanto na prótase como na apódose (21,9% dos casos). Em seguida, aparecem as correlações futuro do subjuntivo-presente do indicativo (16,7% das ocorrências), futuro do subjuntivo-futuro do presente do indicativo (7,8% dos casos) e imperfeito do subjuntivo-futuro do pretérito do indicativo (5,7% dos casos). Foram encontrados os usos das mesmas correlações de Ferreira (1997), e apenas a correlação

com a prótase atualizada pelo presente do subjuntivo não está aqui representada, porque neste trabalho não se contempla a conjunção *caso*, a única passível de ocorrência com esse tempo verbal.

De um modo geral, pode-se dizer que o estudo das correlações modo-temporais nas construções condicionais mostra a multiplicidade de contextos em que essas construções podem ser usadas, e comprova a necessidade dos estudos da língua em uso, efetivo e real.

### A ordem nas orações condicionais

Segundo Comrie (1986), a posição anteposta das condicionais é mais freqüente em todas as línguas, mesmo naquelas que não requerem a ordem subordinada-núcleo. Comrie (1986) apresenta algumas sugestões, de ordem estrutural e discursiva, que justificariam a maior recorrência da anteposição. São elas: a não-factualidade da prótase; a correlação modo-temporal expressa pela construção condicional (tempo anterior na prótase-tempo posterior na apódose) e a função discursiva da oração condicional. Verifica-se que, para o português escrito do Brasil, a ordem frasal preferida nas construções condicionais é, de fato, a anteposição da oração condicional à oração núcleo, conforme se observa no Quadro 2:<sup>2</sup>

#### Quadro 2

#### Correlação entre os tipos de literatura e a posição da condicionais

Posição da condicional			
Anteposta	Posposta	Intercalada	Total
211/69,4%	80/26,3%	13/4,2%	304

Pela análise do quadro, pode-se perceber que as orações condicionais funcionam como “preenchedores sintáticos”, nos termos de Kato & Tarallo *et al.* (1993), uma vez que ocorrem mais freqüentemente às margens da oração núcleo – à esquerda, no caso das antepostas, à direita, nas pospostas. Vale ressaltar que a anteposição da condicional à oração núcleo também é mais recorrente nas construções condicionais no português falado, como se vê em Neves (2000). Entretanto, no que se refere à língua falada, o percentual de orações condicionais pospostas à núcleo (18,1%) é bem menor que aquele encontrado para as condicionais da língua escrita (26,3%). A essa mesma diferença de percentuais chega Ferreira (1997), o que leva Braga (1999) à conclusão de que na modalidade escrita do português as condicionais pospostas são mais prováveis que na modalidade falada.

<sup>2</sup> Foram excluídas aqui as ocorrências de construções condicionais sem oração núcleo realizada.



Entre as hipóteses levantadas por Comrie (1986) para justificar a anteposição como posição não-marcada para as condicionais, apenas se mostra pertinente aquela que diz respeito à função desempenhada pela oração condicional.

No que se refere ao grau de hipoteticidade, verifica-se que as prótases tendem a ser não-factuais, sejam antepostas, pospostas ou intercaladas em relação à núcleo. Assim, independentemente da posição em que aparecem, as orações condicionais são mais frequentemente atualizadas como condicionais eventuais, como também concluíram Ferreira (1997) e Neves (2000).

Quanto às correlações modo-temporais atualizadas pelas construções condicionais, as correlações mais frequentes nas três posições contempladas são basicamente as mesmas, e, ainda que se mantenha a ordem tempo anterior na prótase-tempo posterior na apódose, não se pode afirmar que esse fato motiva a anteposição da condicional à núcleo.

Faz-se necessário, então, neste ponto do trabalho, proceder a uma breve revisão teórica acerca das funções discursivo-pragmáticas desempenhadas pelas orações condicionais.

As noções de condicionalidade e topicidade foram pela primeira vez relacionadas em um estudo de Haiman (1978). Nesse trabalho, Haiman afirma que as condicionais, em inglês, são tópicos das sentenças em que ocorrem. O autor assume que as condicionais, como os tópicos, são dados, que constituem uma moldura de referência, sendo em relação a essa moldura que a oração principal pode ser considerada verdadeira, se for uma proposição, ou adequada, se não o for (Haiman, 1978, p.564). As definições dadas por ele para condicionais e tópicos são idênticas: definindo pressuposições como conhecimento compartilhado entre falante e ouvinte, mesmo que apenas provisoriamente (já que a suposição é uma pressuposição provisória), o autor considera que os tópicos, como as orações condicionais, são pressuposições de suas sentenças.

As afirmações de Haiman (1978) suscitaram outros estudos, tais como os de Akatsuka (1985) e Ford & Thompson (1986).

Para Akatsuka (1985), as condicionais são tópicos apenas no sentido de serem sobre algo, ou seja, no sentido de *aboutness*. Segundo a autora, embora a maior preocupação de Haiman (1978) tenha sido a noção discursiva de tópico, a análise semântica que ele faz é essencialmente estática e não orientada discursivamente.

Ford & Thompson (1986) consideram que a afirmação de Haiman (1978) de que as condicionais são tópicos constitui um ponto de partida produtivo para a investigação das funções discursivas das condicionais em textos escritos e falados do inglês. As autoras definem a função de tópico das orações condicionais do ponto de vista do conhecimento partilhado entre o emissor e seu interlocutor e não tratam do estatuto informacional da condicional, mas sim da posição em que as condicionais



aparecem nos textos escritos do inglês e de sua relação com os discursos antecedente e subsequente. Dessa forma assumem que as orações condicionais antepostas funcionam como tópicos das construções em que são atualizadas, enquanto as condicionais pospostas, por não apresentarem uma conexão clara com os discursos antecedente e subsequente, não.

Já as condicionais não-antepostas – pospostas ou intercaladas –, segundo Ford & Thompson (1986), possuem função semântica mais restrita que as condicionais antepostas, pois realçam, enfatizam e até mesmo restringem a oração núcleo ou algum componente dela.

Zamproneo (1998), em análise das orações concessivas no português escrito do Brasil, assume que estas podem funcionar, quando pospostas e intercaladas, como adendos. Nesses casos, o emissor faz uma declaração na qual se propõe realizar um ato performativo no futuro, ou seja, o emissor faz uma promessa, assume um compromisso e, a seguir, pesando as possíveis objeções ao cumprimento da promessa, volta à sua declaração e introduz um novo ponto de vista. Acredita-se que, como as concessivas, também as condicionais pospostas e intercaladas podem desempenhar essa função “reparadora”.

Diante de todas essas posições, assume-se com Ford & Thompson (1986) que a análise de Haiman (1978) das construções condicionais constituiu o ponto de partida para que se passasse a tratá-las levando-se em conta o discurso. Pode-se afirmar que as condicionais, assim como os tópicos, são criadas e mantidas no discurso e pelo discurso, uma vez que é a interação entre os falantes e os ouvintes que cria a moldura em que a mensagem pode ser entendida. Assume-se, então, que as orações condicionais podem funcionar como tópicos no sentido de *aboutness* (Akatsuka, 1985) e não no sentido de *givenness* (Haiman, 1978), uma vez que não se referem apenas ao que foi dado no discurso imediatamente precedente ou ao conhecimento que é compartilhado entre falante e ouvinte mesmo provisoriamente, mas se referem a uma porção de informação sobre a qual já se disse algo anteriormente. Por outro lado, assume-se que as orações condicionais também podem funcionar como adendos, já que aportam, de certa forma, informações ainda não veiculadas e que servem como uma ressalva ou uma ampliação do significado da oração núcleo.

No exame do *corpus* verifica-se que as prótases funcionam como tópicos quando estão antepostas à oração núcleo (tópicos de contraste, tópicos de retomada, tópicos de exemplificação, tópicos de alternativa ou opção), e também podem funcionar como adendos restritivos ou ampliadores, quando aparecem pospostas e intercaladas.

Quando antepostas, as prótases são mais freqüentemente realizadas como tópicos de opção (63%) e como tópicos de retomada (27,4%). As ocorrências seguintes caracterizam o uso desses tipos de tópicos:

- (7) Anfitrião: Creonte mandou-me que eu vencesse a batalha. Sou um militar, cumpro ordens. **Se quiserdes**, ide dizer a Creonte que arranje outro general. (TEG-LD) – tópico de opção

Nessa ocorrência, Anfitrião mostra que cumpre ordens dadas por Creonte. Em seguida, apresenta, por meio de uma condicional, uma alternativa ao que acaba de enunciar: pode-se buscar um outro general, caso seja necessário.

Já na ocorrência seguinte, afirma-se a existência de uma doutrina, e, em seguida, volta-se, necessariamente, à idéia dessa mesma doutrina. Para tanto, o falante usa uma condicional anteposta, que funciona, então, como um tópico de retomada:

- (8) Essa doutrina nega que o desenvolvimento mental consista meramente em um processo de desdobramento (...) **Se essa teoria não fosse verdadeira**, seria necessário abandonar a idéia de que a educação é algo mais que a aquisição de informações. (AE-LT)

As condicionais pospostas e intercaladas atualizam-se com maior frequência como adendos restritivos, em um total de 87,5% e 53,8% dos casos, respectivamente. Nesses casos, na maioria das ocorrências do *corpus*, as construções com condicionais pospostas apresentam características peculiares. Em algumas ocorrências, a condicional é usada com elementos como o **não** ou o **só**, explícitos ou recuperáveis no contexto. Na ocorrência seguinte pode-se verificar uso de um desses elementos:

- (9) Não teremos compreendido o fenômeno que se evidenciou em termos políticos **se não tivermos a coragem de enfrentar os problemas fundamentais para o país**. (G-LO)

Nessa ocorrência, a condicional é usada como um modo de avaliar o que foi enunciado anteriormente pelo falante. O falante apresenta uma ressalva: é preciso ter coragem para enfrentar os problemas do país, caso contrário, não se terá compreendido um certo fenômeno, que se evidencia em termos políticos. A condicional, então, aparece após a oração núcleo, e ainda se realiza na forma negativa.

Há, portanto, uma estreita relação entre a posição da oração condicional e a função por ela exercida, o que torna possível afirmar que o posicionamento da oração condicional em relação à núcleo deve-se muito mais a fatores discursivos que estruturais. Acredita-se, assim, que esses fatores refletem uma escolha, por parte do falante ou escritor, que se baseia em suas necessidades de composição textual e nas condições da situação comunicativa em que o discurso está inserido, para decidir-se pela ordem não-marcada ou marcada.

## CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS NOS TRÊS TIPOS DE TEXTOS

Na análise do *corpus*, verifica-se que, dentre os três tipos de literatura, dramática, técnica e de oratória, aquela que apresenta o maior número de ocorrências de construções condicionais é a Literatura Dramática, perfazendo um total de 61% das ocorrências do *corpus*. O uso de construções condicionais nos outros dois tipos de textos é praticamente idêntico: 20% do total de condicionais ocorrem na Literatura Técnica e 19%, na Literatura Oratória. Esses resultados podem ser visualizados no Quadro 3:

**Quadro 3**  
**Distribuição das orações condicionais pelos tipos de literatura**

Orações condicionais nos três tipos de literatura			
Literatura dramática	Literatura técnica	Literatura oratória	Total
210/61%	69/20%	67/19%	346

Em alguns aspectos, esse resultado mostra-se diferente do esperado. Embora a supremacia do uso de construções condicionais nos textos dramáticos fosse esperada, por se tratar de textos que representam a fala cotidiana, imaginava-se que a diferença entre o número de ocorrências de condicionais nos textos de oratória e técnicos fosse maior, e que os textos da Literatura Oratória tivessem mais ocorrências de condicionais que os textos da Literatura Técnica. Entretanto, pode-se dizer que esses resultados, de certa forma, mostram algumas características desses textos.

Na Literatura Técnica, como ressaltado na nota 2, alguns dos textos analisados apresentam um caráter puramente científico, outros um caráter técnico-didático, representado por manuais, em que não há muita especialização, ou mesmo um léxico muito específico e elaborado. Essa mescla pode justificar o número de ocorrências encontradas. Por um lado, há nesses textos um comprometimento com a veiculação de valores de verdade, que não são codificados preferencialmente por meio de construções condicionais, o que acarretaria um número baixo de ocorrências de construções condicionais. Por outro lado, os textos de caráter mais didático visam à explicação, ao esclarecimento, até mesmo ao convencimento, objetivos aos quais o uso de construções condicionais serve, e que faria com que a tendência de uso de condicionais aumentasse. Assim, o número de ocorrências de construções condicionais encontrado parece ser uma consequência do caráter híbrido dos textos técnicos analisados.

Poder-se-ia dizer também que essa mescla nos textos técnicos justifica a proximidade do número de ocorrências de construções condicionais nesses textos e na-

queles da Literatura Oratória. Em outras palavras, supõe-se que, caso os textos técnicos fossem de grande especialização científica, o número de ocorrências de construções condicionais na Literatura Oratória seria maior que na Literatura Técnica. Nos textos da Literatura Oratória objetiva-se o convencimento do outro, há a tentativa de persuasão. Há uma tendência, assim, para o uso das construções condicionais, uma das estratégias mais ricas de que o emissor lança mão no jogo argumentativo.

Ordem, correlações modo-temporais e grau de hipoteticidade das condicionais também são analisados em relação às literaturas, com o intuito de evidenciar, com tal exame, diferenças e/ou semelhanças entre os tipos de textos. É o que se discute a seguir.

### A ordem das condicionais nos tipos de textos

Nos três tipos de literatura há uma maior frequência da anteposição das orações condicionais à oração núcleo. Esperava-se encontrar nos textos técnicos um maior percentual de orações pospostas, uma vez que esses textos, por serem densamente informativos, comportariam construções “mais pesadas”, que têm a tendência, segundo Ford & Thompson (1986), de aparecer à direita da oração núcleo. Entretanto, essa hipótese não se confirmou. Assim, acredita-se que independentemente do tipo de texto, a anteposição da oração condicional à núcleo é uma tendência geral, que também pôde ser observada nos estudos de Ferreira (1997) e de Neves (2000).

Verifica-se que nos três tipos de textos, a proporção do uso de condicionais antepostas e pospostas é, em média, a mesma: há 69,7% condicionais antepostas e 26% pospostas. O comportamento destoante, no que se refere à posição da oração condicional nos três tipos de textos, fica por conta das condicionais intercaladas, que são mais frequentes na LD. Do total de intercaladas, 13 ocorrências, 9 estão nos textos dramáticos. Justifica-se esse fato pela função exercida pela oração condicional intercalada, ou seja, a função de ressalva. A ocorrência abaixo mostra esse tipo de uso:

(10) Cabo Rosinha: Você ouviu? O que acha desse negócio de carneiro?

Joaquim: Eu, se fosse o senhor, deixava isso de lado! Padre Antônio está é caduco!

Como se pode perceber por essa ocorrência, a oração condicional codifica uma ressalva ou um reparo ao que foi enunciado previamente. A condicional intercalada é usada para ressaltar a opinião do falante em relação ao assunto tratado. Ao ser indagado sobre a atitude a ser tomada, o falante assume a posição de seu interlocutor e o adverte, fazendo uma ressalva. Pode-se afirmar que as condicionais intercaladas são mais frequentes em textos da LD porque esses textos são organizados dialogicamente, ou seja, há a presença de dois ou mais interlocutores, que estão frente a frente. Nesses casos não há a necessidade da total explicitude nas informações, que po-

dem ser reparadas, completadas ou até mesmo contestadas pelos participantes da interlocução, o que favorece o uso das intercaladas. Por outro lado, há, a todo momento, as mudanças de turno, que também favorecem o uso das condicionais intercaladas.

Uma característica exclusiva dos textos da Literatura Dramática, e que os diferencia dos outros tipos de textos, é a ocorrência de construções condicionais sem oração núcleo realizada. Foram encontradas no *corpus* 42 (12,1%) ocorrências desse tipo de condicional. Nesses casos, verifica-se que as construções são deixadas em suspenso, para complementação, seja do emissor, seja de seu interlocutor. Segundo Neves (2000), o falante escolhe certos recursos ao compor seu texto para criar determinados efeitos e, na configuração dos satélites de natureza adverbial, como é o caso das condicionais, o falante prepara molduras, criando espaços mentais para o conteúdo das orações núcleo. Entretanto, ressalta a autora, a liberdade de escolha do falante chega ao ponto de se prepararem molduras que ficam vazias, como é o caso das construções condicionais sem oração núcleo realizada. Criam-se, então, espaços mentais que obtêm efeitos particulares muito significativos, tais como deixar uma asserção em suspenso, fazer um “convite” para que ouvinte a complete ou tome parte da interlocução, etc. Como no caso das orações intercaladas, pode-se concluir que essa é uma característica dos textos dramáticos. Esse tipo de uso mostra a natureza colaborativa da conversação. É um uso que está a serviço da interlocução e que mostra a natureza de co-autoria dos textos dramáticos. Nos textos técnicos, por exemplo, não há sentido em contar com a participação do destinatário, porque esses textos são científicos. A ocorrência seguinte mostra o uso de uma condicional sem a oração núcleo realizada.

(11) Flávio: Faz tanto tempo... éramos ainda moços, não era Ângela? Tu me apareceste pela primeira vez... Lembras-te?

Ângela: Ora, **se me lembro!**...

Flávio: Foi no Salão da Exposição Nacional. Havia muita gente, muito alvoroço, muito entusiasmo entre os concorrentes... Para mim, porém, só havia Ângela. Ângela a seguir-me por toda a parte com aqueles olhos indagadores, como se me quisessem perguntar alguma coisa, que eu tinha vontade de responder. **Se os olhos falassem...** (HP/LD)

No primeiro caso, a interlocutora Ângela começa a responder à indagação de Flávio. Para tanto, usa uma condicional sem a oração núcleo realizada. Isso parece ser uma “instrução” para que Flávio tome a palavra, sendo ele quem, de fato, responde à questão. Assim, Flávio, depois de relembrar seu primeiro encontro com Ângela, usa outra condicional sem oração núcleo, e a deixa em aberto, mostrando que o desfecho da história pode ser facilmente recuperado por Ângela, e, portanto, não precisa ser explicitado.

### O grau de hipoteticidade das condicionais nas literaturas

O tipo de condicional mais freqüente nos três tipos de textos é a condicional eventual. Na LT o percentual de condicionais eventuais é maior que na LD e na LO. Os textos da LD apresentam um maior percentual de ocorrências de condicionais contrafactuais que os textos da LT e da LO. Já nos textos da LO a diferença no uso de condicionais eventuais e factuais é menor que nos outros dois tipos de literatura. A partir desses resultados, podem-se perceber algumas características dos três tipos de textos analisados.

Na LT, a diferença no uso de condicionais eventuais e factuais é marcante. O fato de ocorrerem mais condicionais eventuais nos textos da LT revela uma característica diferente desse tipo de literatura. Esperava-se encontrar um maior número de condicionais factuais, em que a realização ou a verdade de  $p$  acarreta a realização ou a verdade de  $q$ , visto que esses textos, mesmo com finalidade didática, tendem a ser menos hipotéticos e mais comprometidos com a verdade, tal como na ocorrência seguinte:

- (12) Isso é comum acontecer, e quando o é em escala excessiva pende logo para o ridículo, pois força o personagem a sair do tipo para dar vez ao autor, que num lance de ventriloquia passa a falar por ele. **Se o personagem não é você**, pode estar por perto, um parente, um amigo. (ROT/LT)

Entretanto, esse caráter menos hipotético acaba por se confirmar, uma vez que na LT o uso de condicionais contrafactuais não é muito freqüente. Apenas 4% do total de condicionais dos textos técnicos têm a negação de factualidade, como o que se vê na ocorrência:

- (13) **Se um poder superior pudesse tratar o homem como este trata os animais**, não há dúvidas de que se obteria melhorias da raça humana. (AE/LT)

Nos textos da LD também se pode notar uma grande diferença no uso de condicionais eventuais e factuais. Entretanto, como se ressaltou acima, destacam-se nos textos dramáticos as ocorrências de condicionais contrafactuais. Embora sejam pouco freqüentes quando se observa a soma de condicionais encontradas no corpus (apenas 8,3% ocorrências), as contrafactuais perfazem um total de 11% das condicionais da LD, ao passo que nos dois outros tipos de literatura esse percentual é de 4,5%. Esse tipo de uso pode ser observado na seguinte ocorrência:

- (14) **Se todos nós fôssemos iogues**, estaríamos dominados pelo primeiro bando. (TEG/LD)

No caso da LO, parece haver um maior equilíbrio entre o uso de condicionais eventuais e condicionais factuais, o que parece manifestar algo característico desses

textos: como convém à retórica, são apresentados argumentos passíveis de comprovação, verdadeiros, ou seja, factuais, tais como os que são usados na ocorrência seguinte,

- (15) *Se não se converteu, conforme o sonho de Nabuco, no órgão de expressão, não só literária, mas também do próprio instinto da Nação à procura do seu gênio e de sua originalidade*, certo é que a Academia existe, e existe imensamente, para o povo brasileiro. (AM-O/LO)

e, ao mesmo tempo, outros, mais potenciais, como se vê em seguida:

- (16) *Se a Bahia conseguir irrigar os cem mil hectares de Irecê e aproveitar bem o Profir*, terá dado um grande passo no caminho da irrigação. (JL-O/LO)

Acredita-se que, por meio desse equilíbrio, o emissor cria um jogo argumentativo, inerente aos textos de oratória, do qual lança mão para chegar ao seu objetivo primordial, o convencimento.

### **As literaturas e correlações modo-temporais**

No que diz respeito às correlações modo-temporais, verifica-se que, nos três tipos de literatura, as correlações mais atualizadas nas construções condicionais são quase idênticas. Poder-se-ia pensar, em princípio, que esse aspecto não mostraria diferenças significativas entre os três tipos de textos. Entretanto, em uma análise mais apurada das correlações encontradas, constata-se que há algumas que podem ser consideradas como típicas de um tipo de literatura.

Na LD as correlações mais frequentes são futuro do subjuntivo–presente do indicativo (19,2%); presente do indicativo–presente do indicativo (15,2%); imperfeito do subjuntivo-sem núcleo (7,1%); imperfeito do subjuntivo-imperfeito do indicativo (6,6%); presente do indicativo-sem núcleo (6,1%) e imperfeito do subjuntivo–futuro do pretérito do indicativo (4,7%).

Na LT as correlações mais recorrentes são: presente do indicativo–presente do indicativo (37,6%); futuro do subjuntivo–presente do indicativo (17,3%); futuro do subjuntivo–futuro do presente do indicativo (14,4%), verbo impessoal–presente do indicativo e imperfeito do subjuntivo–futuro do pretérito (7,2% cada)

Por fim, na LO as correlações mais comuns são: presente do indicativo–presente do indicativo (26,8%); futuro do subjuntivo–futuro do presente (16,4%); e futuro do subjuntivo–presente do indicativo, presente do indicativo–futuro do presente e imperfeito do subjuntivo–futuro do pretérito (7,4% cada).

De um modo geral, embora as correlações modo-temporais mais frequentemente atualizadas nas três literaturas sejam basicamente as mesmas, pode-se perceber que a variedade de correlações modo-temporais é maior nos textos dramáticos e



de oratória que nos textos técnicos. Enquanto os dois primeiros tipos de literatura apresentam, respectivamente, 38 e 24 tipos diferentes correlações modo-temporais, na Literatura Técnica essas correlações são apenas de 15 diferentes tipos. Há, portanto, uma maior padronização das correlações usadas nos textos técnicos, que poderia ser justificada por seu caráter científico, que acarreta um formato mais regrado e mais esquematizado. Os textos dramáticos, por sua vez, diferem dos textos técnicos e de oratória por apresentarem correlações verbais mais próximas de sua essência dialógica, que faz com que estejam mais relacionados aos textos orais. Os textos da Literatura Oratória são textos híbridos, e que ocupam um ponto intermediário no contínuo proposto por Biber & Finegan (1989) e por Biber (1989), já que, ao serem usados para a argumentação, ora se faz uso de estruturas mais próximas do pólo da direita, ou seja, dos textos orais, ora faz uso de estruturas próximas do pólo da esquerda, ou seja, dos textos formais escritos.

## CONCLUSÕES

Neste trabalho objetivou-se estabelecer uma descrição do funcionamento das construções condicionais do português escrito contemporâneo do Brasil, baseada no modelo funcionalista de análise lingüística. Dessa forma, considerou-se o nível discursivo em que as frases são efetivamente realizadas, bem como os aspectos semânticos e pragmáticos envolvidos. Ao lado dos aspectos discursivo-pragmáticos, foram analisados fatores estruturais responsáveis pela configuração da construção condicional.

Espera-se, com esta análise, ter-se mostrado a relevância do trabalho com a língua em uso efetivo e real, uma vez que aí se manifestam plenamente as escolhas do falante na organização de seu discurso.

## ABSTRACT

This paper focuses on conditional constructions of written contemporary Brazilian Portuguese, according to the Functional Theory. The functional study of the conditional constructions considers the discourse level in which the clauses are effectively used taking into account the involved syntactics, semantics and pragmatics aspects. This work intends to describe and analyse the occurrences of conditional constructions in three different kinds of texts (dramatic, technical and formal oral exposition) in order to achieve a characterization of those texts, in their effective use. It is also intended to provide a more integrated description of the conditional constructions, so that the relation between language and its functions could be more clearly established.

## Referências bibliográficas

- AKATSUKA, N. Conditionals and the epistemic scale. *Language*, v. 61, n. 3, p. 625-39, 1985.
- BIBER, D. A typology of English texts. *Linguistics*, v. 27, p. 3-43, 1989.
- BIBER, D.; FINEGAN, E. Drift and the evolution of English style: a history of three genres. *Language*, v. 65, n. 3, p. 487-517, 1989.
- BRAGA, M. L. As orações de tempo sob uma perspectiva funcionalista. In: ALVES, I. M.; GOLDSTEIN, N. S.; RODRIGUES, A. C. S. (Orgs.). SEMINÁRIO DE FILOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA, 1. São Paulo: Humanitas, p. 97-108, 1999.
- COMRIE, B. Conditionals: a typology. In: TRAUGOTT, E. C. *et al.* (Eds.). **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 77-99, 1986.
- DECAT, M. B. N. "*Leite com manga, morre!*" – Da hipotaxe adverbial no português em uso. São Paulo: PUC, 1993. (Tese, Doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas).
- DIK, S. C. **Theory of functional grammar**. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- DIK, S. C. **The theory of functional grammar**. Part 2. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.
- FERREIRA, A. B. F. **A variação posicional das orações condicionais: uma análise funcional-discursiva**. Rio de Janeiro: PUC, 1997. (Dissertação, Mestrado em Língua Portuguesa).
- FORD, C. E.; THOMPSON, S. A. Conditionals in discourse: a text based study. In: TRAUGOTT, E. C. *et al.* (Eds.) **On conditionals**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 353-372, 1986.
- HAIMAN, J. Conditionals are topics. *Language*, n. 54, p. 564-589, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.
- HOYOS ANDRADE, R. E. **Introducción a la lingüística funcional**. Santafé de Bogotá: Imprensa patriótica del Instituto Caro y Cuervo, 1992.
- KATO, M. A.; TARALLO, F. *et al.* Preenchimentos em fronteiras de constituintes. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado: níveis de análise lingüística**. v. III. Campinas: Ed. Unicamp, p. 315-356, 1993.
- LÓPEZ GARCÍA, A. **Gramática del español I: la oración compuesta**. Madrid: Arco/Libros, 1994.
- MARTINET, A. **Estudios en sintaxis funcional**. Madrid: Gredos, 1978.
- MATHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (Eds.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins, p. 275-329, 1988.
- NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. Articulação de orações. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA FUNCIONAL, 22. *Anais...* Évora, 1999 (no prelo).
- NEVES, M. H. M. As construções condicionais. In: NEVES, M. H. M. (Org.). **Gramática do português falado. Novos estudos**. v. VII. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 2000.
- SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- ZAMPRONEO, S. **A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo**. Araraquara: Unesp, 1998. (Dissertação, Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa).